

REVISTA DE CABO VERDE

EDITOR RESPONSÁVEL
Abílio da Cruz Madeira

Director — L. LOFF DE VASCONCELLOS
S. Vicente de Cabo Verde

IMP. DE LIBANIO DA SILVA
R. do Norte, 91 — LISBOA

O SUPPLEMENTO DA REVISTA

Como nos referimos já no nosso anterior numero, apparece hoje o primeiro supplemento da *Revista*.

Não nos comprometteremos a fazel-o para o futuro em determinado dia, ou mez. porque o seu apparecimento depende da superabundancia de materia e assumptos a tratar, ou tambem quando a gravidade e a importancia d'elles, reclamem urgencia na sua apresentação.

Devemos confessar que muito concorreu para nos animar a dar alguns supplementos da nossa *Revista*, o grande numero de originaes que temos recebido dos nossos obsequiosos collaboradores, e o relativamente avultado numero de assignaturas que temos colhido em todo o archipelago, e especialmente em S. Vicente.

Vae a *Revista*, pois, merecendo o favor publico, e o seu Director aproveita este ensejo para manifestar a sua sincera e justa gratidão por todos aquelles que por esta fórma teem coadjuvado poderosamente esta publicação, que vae tendo dia a dia novos elementos de vida e prosperidades, mercê do penhorante e valioso apoio dos nossos amigos.

O preço da assignatura do 1.º semestre, infelizmente, porém, teve que ser um pouco elevado, devido ás enormes despesas que fizemos para a fundação d'esta *Revista*; mas para o 2.º semestre fazemos desde já uma redução importante no preço, esperando continuar a merecer os mesmos favores do publico.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

2.º semestre	1\$400
Avulso	200
Pagos adiantadamente.	

No fim de cada semestre publicaremos um numero especial, de luxo, com gravuras, e artigos escolhidos.

PREÇO

Para os assignantes da <i>Revista</i>	400
Para os não assignantes.....	200



OPINIÕES E APRECIACÕES

São engraçadissimas as opiniões e apreciações que se teem apresentado em roda da nossa *Revista*, relativamente ao seu programma, formato, natureza dos artigos, duração de vida, etc., etc.

É precisa uma paciencia e uma fleugma de ferro, para não rir, ou para não chorar, quando ao nosso conhecimento chegam certas apreciações.

Vejamos:

Algumas auctoridades e chefes de repartições da provincia, dizem:

— O que nós (nós quem?) cá precisavamos era de um jornal de *combate* e não uma *Revista*.

— Os sabios, propõem transformar-se a *Revista* em uma *Revista scientifica*.

— Os negociantes querem que ella traga annuncios.

— Uma alluvião de poetas, pede a publicação de maior numero de poesias, achando poucas as que a *Revista* dá á estampa.

— Os contribuintes do Estado, os remissos, pedem para advogarmos a causa da isenção de impostos.

— Os professores querem que a *Revista* diga que o vencimento que teem não lhes chega para viver.

— Os empregados do fisco pretendem que se peçam medidas tendentes a evitar o descaminho de direitos.

— Os negociantes ameaçam-nos de retirar a assignatura da *Revista*, se esta não representar contra os demasiados rigores do fisco.

— Os moralistas, querem artigos doutrinarios para combater a immoralidade e a perversão da sociedade moderna.

— Os livres pensadores, impõem as suas subversivas doutrinas.

— Os militares, dizem-nos que a *Revista* devia abordar a assumptos militares.

— Os homens prudentes, dizem-nos: não consintam artigos de combate, senão a *Revista* morre e v. vão parar á cadeia.

— Os revolucionarios (que os ha por cá tambem) batem-nos á porta á meia noite, de revolver e punhal á cinta, impondo-nos a publicação dos seus incendiarios artigos.

— Os policias vigiam os nossos passos.

— Os officiaes de justiça inscrevem no *Haver* do seu parco orçamento, a verba de 50\$000 réis de custas provaveis, Auctor o m.º p.º, e Reo o Director da *Revista*.

— O Municipio espreita-nos desconfiado.

— O povo quer que se advogue a sua causa dizendo que é explorado pelos *capitalistas*.

— Estes gritam contra a indolencia e o pouco trabalho dos indigenas.

— Uns querem a independencia de Cabo Verde, outros que seja considerad. *ilhas adjacentes*, outros uma autonomia honrosa, e muitos opinam que como está, vae bem.

— E finalmente, os homens circumspectos, esses... limitam-se a ouvir os discreteadores, apoiando-os com um ligeiro movimento de cabeça, quando estes lhes dão uma cotovellada e os obrigam a responder alguma coisa!

Sobre o formato, uns querem-n'a no de folheto, outros no de periodico e alguns (raros felizmente) uo de *mappa-mundi*!

E digam-nos, agora, entre tantas exigencias oppostas, qual o caminho que devemos seguir, qual o norte, qual a orientação?

— Se satisfizermos á vontade das auctoridades, que opinam pelas *chegadellas* (é extraordinario!) lá vamos cahir logo no desagrado d'ellas, porque, em boa justiça, tinhamos e deviamos começar-lhes por casa, por que ha tanta coisa por lá a pedir *Revista!*

Insistem?

— Se a *Revista se scientificasse* só será lida pelo auctor das *sciencias* expostas, e... lá se iam os assignantes. E de resto, crêmos mesmo, que em Cabo Verde, não ha tanta *sciencia* que dêsse para muitas paginas da *Revista*.

— Abrindo uma secção de annuncios, os annunciantes disputavam logo direitos de preferencia, requeriam privilegios e a provincia nada tinha a lucrar com isso, a não ser os tantos réis que entrariam para o thesouro publico, até vir um *esbanjador*, e então os que pedem agora de mãos postas o *desenferrolhamento* dos dinheiros publicos, passariam a protestar contra os esbanjamentos!

— Quanto aos poetas, dir-lhes hemos que os corações dos homens já não se movem com poesias: só ás pedradas! Estão duros como o agio das libras!

— Não podemos advogar a causa dos devedores remissos para se nos não dizer: *dize-me com quem andas...*

— Quanto aos professores: esperem, e vão economisando, até lá.

— E sobre o fisco, isso não é da nossa competencia: o governo paga *rasoavelmente*, para se zelar e cuidar dos seus interesses; estudem, trabalhem, vigiem e proponham medidas adequadas.

— Acerca dos rigores do fisco, lembramos a *Gallé...*

— Aos moralistas, aconselharemos o seguinte: deixem-se d'isso; o mundo está perdido e já ninguem o endireita. Cultive cada um a moralidade, é o quanto basta!

— E aos livres pensadores, nem resposta.

E os militares?

É uma classe nobre á qual tributamos toda a consideração, mas não pensamos no assumpto proposto, por ora, porque os indigenas precisam primeiro aprender a lêr, para nos lerem depois! E até lá estará restabelecida a paz universal, e...

— Dos prudentes, acceitamos e agradecemos os conselhos, sempre que sejam compatíveis com a dignidade, e com o nosso dever.

— Os Revolucionarios... mais tarde, mais tarde.

— E sobre os outros pontos, abtemo-nos de fazer apreciação, para não alongar este artigo.

CONCLUSÃO

O que nos parece melhor é seguirmos o caminho já por nós traçado no nosso desenvolvimento programma, pedindo a todos que suspendam o seu juizo, esperando a continuação dos numeros da nossa *Revista* e, afinal dar-nos-hão razão.

Cabo Verde estava ha mais de 40 annos sem uma publicação sua e o apparecimento d'esta, sem a prévia reunião do *Conclave politico*, suscitou divergencias, que nos estão creando serios entraves, mas contamos que com o apoio dos nossos amigos havemos de vencer essas difficuldades, e seguir ávante desassombadamente.

Realmente é necessaria muita tenacidade para se conseguir o que já conseguimos, á custa de muitas vigilias e de alguns desgostos intimos e secretos, e com franqueza o declaramos: reputamos traidor á patria todo aquelle que nos crear obstaculos na realização do nosso plano de *expôr as necessidades da provincia e*

advogar serena e desapaixadamente os seus mais vtaes interesses, sem caracter politico, sem fins occultos e sem odios.

Estamos, porém, convencidos que os discordantes, se alistarão voluntariamente nas nossas fileiras, pois até aqui consideramol-os homens de boa fé e com bons desejos de serem uteis á sociedade, e em especial á provincia de Cabo Verde.

A união de exforços é necessaria; somos muito pequenos e fracos, para arrostar sós com todas as responsabilidades e todos os trabalhos penosos e inglorios de uma campanha a favor de um pobre povo humilhado, opprimido e manietado por leis retrogradadas, absurdas e incoherentes.

Unamo-nos, pois, todos, ligados por um só pensamento, um só coração, um só braço e uma só vontade, concretisados n'esta divisa nobre, honrosa e pura:

O bem da patria!

E se cahirmos, vencidos, cahiremos como heroes, como martyres do *Bem*, legando aos nossos vindouros e aos nossos filhos, a continuação da nossa *Obra!*

Saiamos do Indifferentismo criminoso que nos enerva e nos humilha; não nos deixemos esmagar, sem ao menos protestar contra os nossos algôzes, usurpadores e delapidadores da nossa honra, dos nossos brios e dos nossos direitos sagrados de cidadãos livres!

Sejamos menos egoistas e mais patriotas!

Não alimenteis escrupulos pueris; o nosso campo é de honra, e o nosso Altar é da Verdade e da Justiça; aqui o sabio realça-se e o ignorante cae; e pondo os valiosos recursos do vosso saber a favor da causa do povo engrandecei-vos e não vos rebaixaes.

Iluminae o turvo horizonte das nossas desgraças, dos nossos males e dos nossos erros publicos, com a luz rutilante, emanada dos vossos brilhantissimos espiritos e das vossas auctorizadas e esclarecidas pennas; fazei ouvir por todos os recantos o clamor de um povo que se quer erguer á altura da civilização moderna, que se quer instruir e quebrar as algemas da crassa ignorancia, que o reteem ainda no campo da inconsciencia, da miseria e do opprobrio; pugnae pelos vossos irmãos, que pedem protecção, apoio, força, justiça.

E o Ceo abençoará a vossa *Obra!*

L. LOFF.



MUSICOS

Por mais avezados que sejamos a acreditar em todas as petas que, de boa mente, se nos prega, apparecem ás vezes pillulas bem grossas de engulir. Como, por exemplo, esta do projecto de constituição d'uma associação de contribuintes, com sede na ilha de S. Thiago e ramificações em todas as outras ilhas, com o fim de curar dos interesses do contribuinte e,—senão contraminar as furias vexadoras do governo da metropole, que, a tanto não chegam nossas forças,—pelo menos, pôr um açâmo aos hydropicos contadores de processos fazendarios. Ideias de agremiação com fim util, defensivo do bem commum, conservam-se ainda, entre nós, lá nos planos imaginarios das cousas puramente irrealisaveis; porque, apesar d'essas fanfarro-nadas de fôrro que alardeamos, apesar d'esses ares de gente que sabe qual é a sua mão direita, e que diz aos quatro ventos que ella, a dextra, não lhe foi

dada só para levar a colher á bocca, — é evidentissimo que ainda não temos vontade propria para realizar empresas que entestem e discutam intuitos governativos, nem sequer possuímos coragem que conduza a iniciar o processo da nossa emancipação moral, concretizando em factos, ou desmascarando de todo, essa bella ficção das nossas liberdades constitucionaes. Empresas d'esta força não nos é dado, não, realisar-as; que, demais nos parecemos com aquelles de quem dizia Sá de Miranda:

Homens que sempre aos proveitos,
E a vosso interesse andaes
Vestidos de falsos peitos,
Quão pouco que vos lembraes
Dos são, dos communs respeitos.

Desde ha 50 annos, que o fallecido e talentoso madeirense Servulo de Paula Medina e Vasconcellos escrevia:— «Aqui, n'esta provincia, é tambem só do espirito de associação que se pode esperar que a agricultura e o commercio attingam com brevidade o ponto de grandeza a que podem chegar: enquanto os proprietarios de terras se vão reunir por o laço de associação, emprestando-se mutuamente o seu auxilio e concorrendo em commum com as suas forças individuaes, que assim centuplicarão, nunca haverá agricultura; enquanto os commerciantes se não reunirem n'um só feixe para cuidarem em commum dos seus interesses, para se lançarem nas empresas, e em especulações meditadas, nunca o commercio passará de ser o que é, simples agencia de permutação individual,» — até hoje em que o muito intelligente sr. Hypolito Olympio da Costa Andrade nos diz:— «Uma nação, por pequena que seja em territorio, se n'ella não se constituírem associações para o derramamento de instrucção pelo povo, hade conservar, a despeito dos maiores cuidados do governo, algumas povoações, cujos habitantes arrastem uma existencia infeliz, immeros na escuridão medonha de completa ignorancia, em que o homem não tem perfeita consciencia da sua existencia,» — desde ha 50 annos até hoje, este ingrato trabalho dos homens intelligentes e bem orientados, de chamar os cabo-verdeanos a unirem-se em associações commerciaes, agricolas ou de outra natureza, que visem junção de forças para conseguimento de fins justos, tem sido lamentavelmente infructifero. E, é triste dizelo, no estado de desagregação, de esphacellamento, de dissolução material e moral a que hoje chegamos, milagrosa será aquella reacção que sustar os passos a esta infecção cadaverica, que reunir todos os esforços isolados, perdidos, que baldadamente se debatem n'esse grande mar de egoismo, abordando, cada qual, interesses tão mesquinhos que, de per si, não sustentem á superficie da mais mesquinha existencia esses naufragos do *struggle for life*.

Uma associação de contribuintes, que se não faz em Portugal, pode lá constituir-se em Cabo Verde onde não ha nem uma aggreiação commercial?

Estas cousas fazem-se em paizes onde, intelligencias que a rotina não consegue pear, vontades que o susto não entibia; e picaretas que se não subordinam ao talher, — não constituem, como cá, excepções muito raras não menos honrosas e pouquissimo apreciadas. Por cá, quando muito o espirito de associação é representado por uma recreativa theatral, por uma philarmónica, onde sujeitos que, como eu, arranham violões, ou assopram em cornetas mais ou menos desafinadas, fazem a felicidade d'esta candida sociedade de snobs

e prehenchem os fins de uma existencia parasitaria e, lá a seu modo, muito feliz.

Quando muito, musicos; nada mais.

E é desenganarmo-nos: fóra dos limites bonancosos da folia barata, nada se faz por cá, com geito.

Porque para gelar-nos os primeiros calorosos impetos de qualquer iniciativa arrojada, lá temos a inextricavel desapprovação da velhada circumspecta, do cidadão que gosa geraes considerações do publico, do moço intelligente e esperançoso que faz acrosticos aos annos do chefe de repartição e não frequenta as casas de bebida, e do burocrata escrupuloso, methodico, correcto como uma estampa de *Moda illustrada*, que exerce a pontualidade, essa virtude dos reis e esse mau costume dos inglezes, como dizia o brasileiro José de Alencar, com a preocupação de se singularisar, e que, com o mesmo aprumo, com a mesma desopilante gravidade, com a mesma proverbial incapacidade serviu D. Miguel, serve a Constituição e servirá a Republica em cujo advento não lhe é licito acreditar, para cuja festa, porém, se vae dando certas côres democraticas, como esta, por exemplo, de ter notado, deante do espelho, ao recolher-se em noute de extravagancia, que o vermelho d'um lenço de tabaco, em guisa de barrete phrygio, não fica de todo mal sobre a veneranda neve das cãs...

Para um baile de subscrição encontra-se gente; para as espectaculosas caridades da alta roda não faltam galantes subscriptores; para um club sobejam accionistas; ai, de nós, porém, para um gremio de homens livres e sérios, cujo fim enteste com qualquer cousa mediocremente, convencionalmente respeitavel; para qualquer empresa em que houver difficuldades a vencer, mas difficuldades de certo genero não se encontra viva alma. Porque em Cabo Verde tudo são pessoas asisadas, novos com pensar de velhos, velhos com animo de meninos, que não deitam a mãosinha de fóra porque sabem das caricias da menina de cinco olhos, nem brincam com fogo á noute porque conhecem certo prejuizo popular...

E. TAVARES.



A VIDA DE PORTUGAL E DAS SUAS COLONIAS

Está no retabulo a patria portugueza representando a figura da miseria e da dôr a um canto das nações da Europa, que a meditam quasi como muribunda!

A pintura no retabulo dá a apparencia d'uma arvore que pelo seu tronco mostra ter sido vigorosa e activa, resistente aos vendavaes e ás evoluções da natureza; mas enfraquecida pela lucta de tantos seculos, a sua seiva de vida foi-se tornando fraca, perdendo pouco a pouco o seu vigor, e a figura gigantesca, porque era venerada e respeitada pelos habitantes do mundo inteiro.—O tronco d'essa arvore tem raizes fundas e fortes, por isso ainda ha de resistir por algum tempo ao golpe fatal que lhe preparam; ainda soltará um grito de dôr na hora agonizante, chamando a attenção dos que podem applicar o ultimo remedio da vida.

A esperanza alimenta o muribundo até ao ultimo momento de vida, e a fé o salva; portanto, não haja ainda o formal desanimo na salvação da grande arvore chamada Portugal, porque os recursos salvatorios

ainda não estão esgotados por completo; o seu quadro nosologico, a sua pathologia e therapeutica não lhe disseram por enquanto o ultimo adeus, estão esperando o impulso de Minerva e de Marte, para socorrer quem está em perigo.

Os remedios a applicar á arvore Portugal devem ser os seguintes:

Uma reforma cabal em todos os ramos de administração publica reduzindo a despeza quanto possivel seja;

Crear um novo regimen que contenha em si o complemento de economia, de justiça e moralidade;

Expulsar da patria todo aquelle que tenha abusado das leis da constituição politica, tendo á sombra d'ella prejudicado a patria nos seus haveres materiaes, no seu fóro moral, no seu credito tradicional e na sua honrada nação;

Confiscar os bens a todos aquelles que se provar, que a sua fortuna provenha de traficancias politicas, de abuso de poder e de roubos industriosos feitos ao thesouro publico;

Formular uma lei de responsabilidade para todo o funcionario, a partir do ministro ao simples policia, e que essa lei contenha a pena de degredo, ou de morte segundo a gravidade do crime commettido;

Desenvolver as colonias por meio da agricultura, commercio e industria;

Crear uma nova administração colonial, e chamar á responsabilidade, ás devidas contas, os governadores, quer pelos seus abusos, quer por negligencias prejudiciaes ao desenvolvimento das provincias ultramarinas que governam;

Dar educação de trabalho ao preto e instruí-lo para que possa ter o nome de homem, e desenvolva os productos nativos do solo africano, que abundam, tanto nas ilhas como no continente negro;

Acabar com os governos constituídos por militares, nomeando para governadores homens tirados da lista civil, que pelos seus actos de vida publica e particular tenham provado fóros de capacidade e honradez;

Nomear uma comissão composta de homens inteligentes, com character de independencia e honra, para syndicar todas as repartições do ultramar, tanto civis como militares, entrando n'esse numero os tribunaes da justiça, sendo examinados com o maior cuidado todos os processos archivados e sentenças publicadas; esta syndicancia deve ser feita todos os annos, ou pelo menos de 3 em 3, para que os grandes abusos que se fazem tenham termo, e o decoro do serviço publico se levante do descredito;

Não dar motivo a qualquer guerra com o gentio, e castigar severamente toda a auctoridade que provoque a menor desordem com os povos selvagens, que são estas pelos seus despostimos e ambição de haveres que fazem as guerras selvagens, que só teem servido para se gastar centenas de contos de réis e collocar no peito dos vaidosos a medalha de Torre Espada, para terem o nome de guerreiros e salvadores da patria, pois, de todas as guerras que se teem feito não vemos utilidade alguma para as colonias; o gentio apenas se retira d'um ponto para outro, ficando na mesma attitude, em

logar de trabalhar e cultivar o torrão do dominio portuguez, vae cultivar outro extranho, perdendo nós os braços do trabalho e o fructo da terra abandonada. Em logar de guerras estupidas e despoticas, não seria melhor educar o negro e por maneiras brandas, fazer com que elle cultivasse a terra, e que levasse os seus fructos para a praça do commercio? Não seria de mais utilidade dominar com a cruz do que batalhar com a espada?

Não seria de mais vantagem vêr as nossas colonias cultivadas e povoadas, de que vêr terrenos de grandes extensões incultos e desertos? Não seria de mais gloria gastar dinheiro em derramar instrução, em fazer d'um boçal um cidadão, do que fazer guerras estupidas?

Digam-nos os portuguezes de lei, os que não estão corrompidos pela vaidade, pela ambição e pela mania de se julgarem ditadores de leis, se temos ou não razão no que deixamos exposto.

A questão colonial é um assumpto que deve preocupar toda a gente de senso commum, porque a independencia de Portugal depende das suas colonias. Portugal, deixando de ter colonias, não pode existir como nação, porque lhe faltará o respeito das mais nações e o credito hypothecario; cahirá por terra como cabiu Athenas.

É espantoso! Ha mais de 4 seculos que possuímos colonias, as mais importantes do mundo, e não as temos sabido desenvolver, como os francezes, inglezes, belgas e allemães! — Porque será, qual será o defeito? Perguntamos nós.

Emquanto a nós a principal causa de tanto atrazamento tem sido a má administração que desde sempre tem tido; os seus administradores, com raras excepções, deviam vir, antes de serem burocratas, expiar os crimes que na patria commetteram, nas fortalezas das colonias que desejassem administrar ou governar. — Só assim se entenderia, que as colonias eram administradas e governadas por funcionarios com culpas expiadas.

Esta *Revista* deve ser lida pelo sr. ministro da Marinha, visto sua ex.^a se interessar tanto pelas colonias. Nós continuaremos a narrar ao mundo o que entendemos a bem das colonias, lembrando já ao sr. ministro da Marinha, que é de toda a urgencia limitar as despezas das colonias, principalmente em Angola e Moçambique, reformando a má administração que teem, e pôr á sua testa funcionarios que não gastem o tempo em apuros de letra, e em escripturar livros de nenhuma utilidade.

É preciso haver reforma de administração e de homens, porque não sendo assim, não poderá o nobre ministro ultimar a sua acção... As colonias teem sido o salvaterio dos homens arruinados, que veem como funcionarios e auctoridades, sómente para arranjar dinheiro e posição; é raro o que não venha com esse fim.

D'esta gente nada se pôde esperar, senão a continuação do systema que temos tido até hoje.

(*Continúa*).

BORLIDO MARTINS.